



A CONFLUÊNCIA COM OS BICHOS EM HELIÔNIA CERES

THE CONFLUENCE WITH THE ANIMALS IN HELIÔNIA CERES

Luciano Mendes Duarte Júnior

 <https://orcid.org/0009-0000-4213-2720>

Paulo Petronilio Correia

 <https://orcid.org/0000-0002-2734-3359>

A CONFLUÊNCIA COM OS BICHOS EM HELIÔNIA CERES

Resumo

Este artigo analisa a presença animal no conto “Olho de besouro”, da escritora alagoana Heliônia Ceres (1998). Para tal, discutiremos a zoologia fantástica na sua ficção e as demarcações entre humano e animal. O fio condutor será a noção de confluência do quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023), em um esforço de descolonizar as leituras acerca da animalidade e avançar um pouco mais neste debate.

Palavras-chave: Heliônia Ceres; confluência; animalidade; zoologia fantástica.

THE CONFLUENCE WITH THE ANIMALS IN HELIÔNIA CERES

Abstract

This paper analyzes the animal presence in the short story “olho de besouro”, by the alagoana writer Heliônia Ceres (1998). For that, we will discuss the fantastic zoology in her fiction and the demarcations between human and animal. The common thread will be the notion of confluence by the quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023), in an effort to decolonize the readings regarding animality and move a little further in this debate.

Keywords: Heliônia Ceres; confluence; animality; fantastic zoology.



Introdução

O artigo busca apresentar uma leitura acerca da presença animal no conto “Olho de besouro”, da escritora alagoana Heliônia Ceres, publicado no livro de mesmo nome - *Olho de besouro* (1998). Escritora, jornalista, professora e pesquisadora, Heliônia Ceres nasceu em Maceió, Alagoas, no ano de 1927 e faleceu na mesma cidade, em 1999. Começando a publicar a partir da década de 1960, aos quarenta anos, a autora aventurou-se em diversos gêneros, entre eles peças de teatro, ensaios, biografias, crônicas e contos.

De fato, eram nas narrativas curtas que a escritora parecia ficar mais à vontade, publicando vários livros do gênero, tais como *Contos nº1* (1967), *Contos nº2* (1975), *Rosália das visões* (1984) e *Procissão dos encapuzados* (1989). *Olho de besouro* (1998), obra na qual se encontra o conto escolhido como foco de análise principal deste trabalho, foi a última obra publicada pela autora em vida e reúne contos inéditos e outros já publicados em obras prévias. Também é neste livro no qual a presença da animalidade em Heliônia Ceres surge mais latente, embrenhando-se, além de no conto “Olho de besouro”, nas narrativas “Rosália das visões”, “Olavo”, “Os gatos”, “Querida Lucy” e “As bruxas? Elas existem, sim!”. Dessa forma, vê-se como a presença animal na autora é consistente, como buscou-se mostrar em trabalho anterior (Duarte Júnior, 2021).

A noção de “confluência” acionada aqui é elaborada pelo escritor, professor e conferencista Antônio Bispo dos Santos em seu livro *A terra dá, a terra quer* (2023). Nascido no vale do rio Berengas, no estado do Piauí, Nêgo Bispo, como também é conhecido, escreve seu livro em uma perspectiva contracolonizadora, confrontando a cultura ocidental com os modos de vida das comunidades quilombolas e apontando para formas outras de relação com o mundo à nossa volta. A escolha da “confluência” como fio condutor se dá pelo fato não somente de trazer a leitura para mais próximo de nós, como também a necessidade de descolonizar a crítica da animalidade presente na literatura, que ainda é canônica e eurocentrada.

Ora, o mestre originário Ailton Krenak nos mobiliza e nos sensibiliza ao falar em adiar o fim do mundo, uma vez que, segundo ele, o mesmo tem um esquema muito violento e a sua vontade é que ele pudesse desaparecer à meia noite e acordar em um novo mundo. Ao olhar de forma sensível a noção de confluência pensada pelo quilombola Antônio Bispo, Krenak endossa a sua importância para a instauração desse novo mundo:

No entanto, efetivamente, estamos atuando no sentido de uma transfiguração, desejando aquilo que Nêgo Bispo chama de **confluências**, e não essa exorbitante euforia da monocultura, que reúne os birutas que celebram a necropolítica sobre a vida plural dos povos



deste planeta. Ao contrário do que estão fazendo, **confluências** evoca um contexto de mundo diversos que pode afetar. É um termo talhado de maneira artesanal e local, por um homem quilombola, um brilhante pensador marginal neste universo colonial, um crítico sempre tranquilo e bem-humorado das tendências políticas (Krenak, 2022, p. 40-41, grifo nosso).

Para o recorte bibliográfico, e no que diz respeito à presença animal, propõe-se uma latino-americanização teórica que visa a tentar descolonizar a noção de animalidade, fincando os pés em terras próximas, a partir de uma leitura na qual traremos para a conversa autores como Antônio Bispo dos Santos (2023), Maria Esther Maciel (2016; 2020) e Gabriel Giorgi (2016). Já em relação à Heliônia Ceres, trabalhos anteriores que receberam e debruçaram-se sobre sua fortuna crítica, como os das professoras e pesquisadoras alagoanas Maria de Lourdes do Nascimento, Vera Romariz Araújo e Izabel Brandão, servirão de direcionamentos iniciais para a análise aqui feita, que, aprofundando-se especificamente na questão animal, buscará empreender, em certa medida, uma análise própria.

Quando pertinente, outras narrativas da escritora alagoana serão apresentadas para ajudar a consolidar as discussões propostas, mas o foco recairá mais demoradamente no conto já mencionado, visto que ele pode ser tomado como um dos maiores exemplos da presença da animalidade em Heliônia Ceres, além de ser aquele no qual enxergamos uma relação mais latente de confluência com os bichos em comparação com outras obras da autora que escrevem o animal. Assim, cabe-se perguntar: como se dá a ou como a autora desenha a animalidade em sua escrita? Para onde Heliônia Ceres nos arrasta quando traz a cena da animalidade? Qual o estatuto da zoologia fantástica em sua narrativa? Como se dá essa confluência com os bichos em sua obra? Por fim, como se dá a aproximação com o mundo animal em “Olho de besouro”? São essas perguntas que irão movimentar essas linhas da escrita acerca da animalidade.

A primeira seção deste artigo, intitulada “Zoologia fantástica em Heliônia Ceres”, busca situar a autora no contexto da escrita fantástica e demonstrar a pertinência das aproximações entre este gênero e a presença animal na literatura. Em seguida, no tópico “Do contato à confluência com os bichos”, é apresentado o ponto de vista quilombola de Bispo dos Santos (2023) da relação humana com os demais elementos da natureza, que serve de fio condutor principal para esta análise. Nessas duas primeiras seções, outras narrativas curtas de Heliônia Ceres serão trazidas para mostrar a versatilidade da autora ao tratar do tema animal e de forma a preparar o terreno para a discussão principal, tratada em “A aproximação com o mundo animal em ‘Olho de besouro’”, que propõe uma análise



mais detida do conto de maior presença animal e de maior confluência da autora à luz das teorias aqui trazidas. Por fim, uma breve seção de considerações pretende amarrar as discussões aqui tratadas, apontando para as principais conclusões do trabalho.

Zoologia fantástica em Heliônia Ceres

Ora, o fantástico atravessa, até certo ponto, a narrativa zoológica de Heliônia Ceres. A fórmula de seu projeto ficcional busca, segundo a pesquisadora Maria de Lourdes do Nascimento, em seu livro *Conto: o ponto de encontro e do espanto na narrativa fantástica de Heliônia Ceres* (2011), a “ressurreição da tradição da literatura fantástica”, fazendo com que o conto surja como “o ponto de encontro da escritora alagoana com essa tradição que nomeou o fantástico como a estética que se afasta do regionalismo imediatista e do anedótico para abarcar os símbolos sociais de conteúdo universal” (Nascimento, 2011, p. 27). Desse modo, há na literatura da escritora alagoana um afastamento da carga regional e isso faz com que a obra atinja uma marca universal, transcendendo assim, o regionalismo local.

Mas, afinal, o que se entende por fantástico? Qual sua característica? Explicamo-lo:

O fantástico tem como característica propor um conflito entre (nossa ideia de) real e impossível. A base para tal conflito gerar o efeito fantástico não é nem a dúvida nem a incerteza, um ponto sobre o qual muitos teóricos (desde o ensaio de Todorov) continuam se debruçando, mas a natureza inexplicável do fenômeno (Roas, 2018, p. 14-15, tradução nossa).

De fato, pensar o fantástico a partir desse olhar significa perceber que esse conflito entre real e impossível é justamente uma das propostas dos contos fantásticos de Heliônia Ceres, predominantes em *Olho de besouro* (1998). Nessas narrativas, as personagens veem-se incapazes de explicar os eventos que lhe acometem, muitas vezes oscilando entre a loucura e a razão. Dessa forma, a autora parte do cotidiano e, ao mesmo tempo, amplia a realidade referencial ao inseri-la em contextos fantásticos e com personagens insólitas.

Junto a isso, Heliônia Ceres insere o mundo animal e vegetal em papéis cruciais dentro de suas narrativas. Segundo a pesquisadora Izabel Brandão, que analisa os contos de Heliônia Ceres do ponto de vista da ecocrítica¹ em seu artigo “Heliônia Ceres: inquietações ecológicas”, é possível ver em suas narrativas “a questão da interconexão entre o mundo humano e o mundo natural, entre o mundo humano e o não humano, que incorpora não apenas animais e insetos, mas também plantas e outros elementos” (Brandão, 2008, p. 106).

¹ Segundo a própria pesquisadora, a ecocrítica é uma categoria de análise “cuja leitura dos textos literários enfoca aspectos da natureza (interior e exterior)” (Brandão, 2009, p. 103).



É animada com esse exercício de sensibilidade e pactuada com a visão animal na literatura, que a crítica da animalidade Maria Esther Maciel, em *Zoopoéticas contemporâneas* (2020), escreve que:

as tentativas de sondagem da outridade animal nunca deixaram de instigar a imaginação e a escrita de poetas e escritores de diferentes épocas e procedências, seja pelos artifícios da representação e da metáfora, seja pela evocação conscienciosa desses outros, seja pela investigação das complexas relações entre humano e não humano, entre humanidade e animalidade (Maciel, 2020, p. 40).

Ao nos atravessar com a outridade animal e instigar a nossa imaginação criadora, Maciel convoca-nos à reflexão ao nos colocar à altura dessa zoologia fantástica, pois, para ela, existe uma complexa simbiose entre o humano e o não humano, nessa “evocação conscienciosa” da alteridade radical. Portanto, são igualmente complexas as relações entre humanidade e animalidade em Heliônia Ceres, de forma que uma mesma relação interespécie pode ser encarada de maneiras opostas dentro uma mesma narrativa, a depender do ponto de vista daqueles que a observam e/ou do momento no qual estão situados. É “o exercício da animalidade que nos habita” (Maciel, 2016, p. 98).

Fino estilista da escrita, a partir de um olhar sensível diante dos signos que se erguem em seu olhar animal, ao buscar a zona de vizinhança que cruza o fantástico e a animalidade, o escritor argentino Gabriel Giorgi, que escreve sobre a presença animal na literatura latino-americana produzida a partir da década de 1960 em seu livro *Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica*, afirma que o fantástico serve de arquivo do animal virtual, visto que o gênero:

verifica o desaparecimento do animal selvagem da realidade, condensa sua potência em termos de ficção e de espectro, e a atribui a esse território literário que confronta as evidências da realidade. Desterritorializa o animal de suas molduras de referência prévias e o reterritorializa na ficção e no arquivo como espaço autônomo (Giorgi, 2016, p. 80).

Assim, o animal é posto no centro desse território literário e, por meio das ordens próprias do gênero fantástico, tem seus referenciais prévios ressignificados. Ou seja, ao mesmo tempo em que escapa à nossa concepção do real, o animal fantástico salta para além do texto e abocanha nossas concepções preexistentes acerca dele próprio, forçando-nos a um reposicionamento em relação aos viventes não-humanos que coabitam este planeta.

A título de ilustração, um desses casos insólitos mais evidentes em Heliônia Ceres é o de “Alguns Outros Seres”, narrativa presente no livro de contos *Rosália das Visões* (1984) e



que, já em seu título, traz a noção explícita de contato com a alteridade. O conto descreve o onírico encontro da narradora com figuras fantásticas designadas como “espíritos da mata”. Entre elas, um vivente animalesco, “a Figura de enorme bico e apenas um olho que brilhava negro” (Ceres, 1984, p. 38-39):

Em seguida vieram muitos, vieram mil e começaram a dançar. “Que balé, Santo Deus”! Aquela estranha gente, aqueles outros seres pulavam e se balançavam sobre os finos galhos das árvores. “Quem toca para a Natureza dançar?” pensei apenas. “Os uirapurus e os anjos” todos, em coro, me responderam e eu descobri então que bastava pensar para eles ouvirem o que eu dizia [...] (Ceres, 1984, p. 39-40).

Como demonstrado acima, a alteridade animal – assim como a exploração do mundo vegetal – costuma surgir em *Heliônia Ceres* em contextos que enveredam pelo fantástico, lançando mão de elementos insólitos que geralmente insinuam um possível estado de desestabilização mental das personagens, fazendo da sugestão da loucura outro tema recorrente em seus textos curtos. Quando não aparece dessa forma, o animal surge de maneira mais discreta, mas de modo a estabelecer paralelos com os indivíduos retratados e as situações vivenciadas, como acontece no conto “Os morcegos”, publicado no livro *A procissão dos encapuzados e outros contos* (1989):

No porão legiões de morcegos prontos para nos agredirem, vampiros que se alimentavam de sangue para continuarem vivos e mais tarde quando soube que eles eram cegos e possuíam radares, dentro de mim a imagem se agravou, nós nos defendíamos deles noite e dia porque dentro do porão era noite todas as horas, a mesma escuridão.

[...]

Caímos numa armadilha e eu me lembrava dos sabiás de minha infância que eu prendia somente porque sabiam cantar.

- Que vamos fazer?

- Temos que sair daqui.

Os três calados. Outros morcegos lá fora a nos esperar para beber nosso sangue e arrancar nossas unhas (Ceres, 1989, p. 18-19).

O conto retrata o medo e o perigo vivenciados por um grupo de jovens contrários a um regime ditatorial. As referências ao mundo animal ao longo da narrativa são muitas e ilustram a situação das personagens. Aqui, os morcegos são, primeiramente, animais reais (estão presentes no porão no qual se escondem), mas, logo em seguida, são também os agentes de um dos braços do regime, o Comando Especial (estão do lado de fora, caçando-os e igualmente sedentos pelo sangue do grupo): “os morcegos no porão, os morcegos da rua, os vampiros da morte” (Ceres, 1989, p. 20). Assim, mesmo com a



ausência do fantástico no conto, a autora encontra espaço para a inserção do animal no retrato de uma sociedade autoritária tão familiar à história brasileira. Esse contato com o animal, como veremos, foi-se mostrando mais e mais intenso nas obras de Heliônia Ceres ao longo de sua produção, levando a relações cada vez mais próximas com a animalidade.

Do contato à confluência com os bichos

Em que sentido falamos em confluência? Como se dá essa confluência com os bichos em Heliônia Ceres? Um recuo sensível à terra e ao quilombo leva-nos à escuta poética do líder quilombola Antônio Bispo dos Santos em seu livro *A terra dá, a terra quer* (2023). A perspectiva contracolonzadora do livro de Nêgo Bispo é exemplificada na seguinte passagem:

Os indígenas viviam no Brasil em um sistema de cosmologia politeísta. Viviam integrados cosmologicamente, não viviam humanisticamente. Chegaram então os portugueses com as suas humanidades, e tentaram aplicá-las às cosmologias dos nossos povos. Não funcionou. Surgiu assim o contracolonialismo. O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo (Bispo dos Santos, 2023, p. 58).

O contracolonialismo, pois, seria um antídoto ao colonialismo, contexto de opressão visto como uma violência que o autor compara a uma forma de adestramento e no qual “Os humanos não se sentem como entes do ser animal” (Bispo dos Santos, 2023, p. 19), distanciados que estão da natureza. Nessa conjuntura, as relações resumem-se à ideia de utilidade e à exploração do mundo natural de maneira desenfreada, inconsequente e violenta.

Assim, é nessa perspectiva contracolonial que o autor apresenta a noção de confluência. Na obra, o escritor utiliza o termo para falar sobre o nosso compartilhamento com os vivos e o mundo ao nosso redor. Segundo ele:

[...] a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios. Ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida (Bispo dos Santos, 2023, p. 15).

É desse contato à confluência com os bichos, arrastando-nos para uma compreensão filosófica do rio, onde se fortalece a confluência como força e energia, que



Antônio Bispo dos Santos nos desloca. Para ele, existe uma confluência que faz com que o humano e o animal se reconheçam e ao mesmo tempo se fortalecem assim como acontece com rios que convergem.

Outro exemplo pertinente do contato com o animal em Heliônia Ceres está no texto “Rosália das visões”, conto publicado primeiramente no livro homônimo de 1984 e incluído em *Olho de besouro* (1998). Na narrativa, a personagem narradora relata, ao visitar uma igreja, suas lembranças do velório de sua amiga – Rosália – naquele mesmo local, quando, de repente, é surpreendida por sons e sombras que a perturbam indefinidamente. Exemplo ficcional daquela oscilação já demarcada entre razão e loucura em Heliônia Ceres, a personagem volta-se ao contato com os animais como tentativa de lidar com uma de suas angústias: a solidão. Em uma das passagens nas quais se refere às outras pessoas na igreja, ela prossegue:

Seriam velhos? Ou estariam simplesmente à espera da ideia que os libertasse? Sim, minha ideia começara quando adotei na rua cães feridos e gatos sem lar. Logo logo, passei a ser suficiente, porque era responsável por eles. São como tochas dentro de minha casa e através deles posso ver que escapei dos ruídos (Ceres, 1998, p. 8).

Essa menção ao mundo animal soma-se a uma referência anterior feita no início do conto em uma comparação do ruído das pessoas da igreja ao zumbido de mil abelhas. A autora dá a entender, nesta segunda referência, que o contato com os animais com quem vivia detinha um poder de libertação. Da solidão? Da iminência da loucura? Do luto pela amiga morta? De qualquer forma, a aproximação com a animalidade surge como refúgio para a sua aflição.

Em mais uma narrativa exemplar do contato com o mundo animal, o conto “Os gatos” nos apresenta uma família que vive em um grande casarão afastado da cidade e que, aos poucos, passa a ser invadido por felinos; e isso acontece anos depois de os moradores terem expulsado a governanta, Anita, que também retorna misteriosamente à residência. Ao longo do conto, Anita e seus gatos são apresentados como um só, e é apenas o mais novo da família, Julinho, que parece abraçar o contato com essa animalidade felina:

Julinho teria, no máximo, quatro anos de idade quando a mandamos embora, por causa de sua prepotência. Mais precisamente, por causa de seus gatos. Havia sempre os que a acompanhavam, como Rico e Mimete, e outros que estavam sempre nas proximidades aguardando seus afagos ou restos de comida. O pelos e miados eram uma constante para nós e Julinho, seu preferido e menor de todos, já se misturava com eles, o que a nossa mãe absolutamente não aceitava (Ceres, 1998, p. 14).



Nessa passagem, fica evidente o desconforto da família em relação aos animais de estimação de Anita, principalmente no que diz respeito à aproximação do mais novo a eles. Havia o receio de que as crianças estabelecessem um vínculo muito forte com os felinos e com a governanta, que demonstrava delicadezas de espírito “difíceis de prever em pessoa semianalfabeta” (Ceres, 1998, p. 13).

Há, no conto, uma tentativa de delimitar uma distinção social entre Anita e os integrantes da família. A prepotência de Anita pode ser entendida através do seu excesso de aproximação e de cuidado com as crianças, visto que “intuía seu papel de ama com prerrogativas de mãe possessiva” (Ceres, 1998, p. 13). Contudo, a distinção também é feita quando a voz narrativa considera relevante destacar a escolaridade de Anita, mulher semianalfabeta.

O conto de Heliônia Ceres, pois, expõe os limites de classe no conflito da família burguesa que se depara com a figura de Anita e de seus gatos. Nas palavras de Giorgi (2016, p. 106-107), ao referir-se ao tratamento dado aos animais por autores latino-americanos, “o animal chega ‘junto’ ao trabalhador, ao empregado, ao explorado, ao escravizado, em seus corpos, como corpo”. Anita compõe, assim, esse grupo de corpos subalternizados que são frequentemente associados ao imaginário animal em uma tentativa de desumanização e marginalização. Daí que seria inadmissível para a família do conto ver o seu filho mais novo em contato tão estreito com Anita e seus felinos. Um contato que, quem sabe, poderia resultar em algo mais intenso, o que este trabalho trata como confluência.

Os dois contos mencionados trazem, pois, um compartilhamento entre humano e animal que não suprime nenhum dos lados, ao mesmo tempo em que cria um elemento novo fruto dessa interação. A narradora-personagem de “Rosália das visões” se reconhece nos bichos que resgatara e, assim, liberta-se do sofrimento que a afligia. Já Julinho, em seu respeito pelos felinos de “Os gatos”, é o único a não ver a presença animal e aquela associada a ela – Anita – como uma ameaça, sendo capaz de experienciar uma convivência harmoniosa com sua animalidade. Em ambos os casos, a partir do respeito e do compartilhamento para com o mundo animal, as relações entre as personagens humanas e não-humanas transformam as primeiras, uma vez que elas são capazes de acessar percepções diferentes e muito além daquelas fornecidas pela visão humana. É esse sentido que a perspectiva contracolonial dialoga com o campo de estudos da animalidade, visto que em ambos os casos somos convidados a repensar nossa prepotente posição



antropocêntrica, respeitando e reconhecendo a diversidade de modos de ver e de se relacionar com o mundo a nossa volta.

Nos dois exemplos, ainda, as personagens humanas veem os animais nos termos que Bispo dos Santos (2023) define ainda como “compartilhantes”, ou seja, enquanto viventes que interagem no mesmo espaço e que potencializam uns aos outros por meio de afetos e de reciprocidade. E é no conto “Olho de besouro” que essa relação de compartilhamento fica mais evidente e atinge o ápice em Heliônia Ceres, como veremos a seguir.

A aproximação com o mundo animal em “Olho de besouro”

Enquanto mais uma entre as diversas narrativas fantásticas escritas por Heliônia Ceres, “Olho de besouro” diferencia-se pela ausência da insinuação da loucura previamente referida, mas explora magistralmente as fronteiras da nossa relação com a animalidade e, como mencionado, pode ser analisada pelas perspectivas contracoloniais postas por Bispo dos Santos (2023). O conto apresenta parte de uma comunidade que vive no meio da selva e que mantém uma forte conexão com a vida animal que a circunda. Essa conexão, fruto da relação com os animais, teria como efeito o desenvolvimento de certas habilidades sobre-humanas na linhagem de um clã do Vale. A narrativa aborda um tema central à autora: “a integração do homem ao espaço natural” (Nascimento, 2011, p. 105).

Segundo a história narrada no conto, tudo teria começado com uma única pessoa, Ubaldo, que se interessara pelos segredos dos bichos:

De conviver nas matas, Ubaldo fora lá, nos mistérios dos bichos. Ele mesmo contara à Mariana, e Mariana me contara, que o segredo de tudo vinha de tempos em que apenas se alimentava de ovas de peixe, queria enxergar no escuro, parar no meio das ondas sem medo das águas. Então, procurava e conversava com morcegos amoitados nas fendas das grutas e com besouros, que se multiplicavam à vista da pequena luz dos pirilampos, eram muitos, escondidos nas árvores centenárias que nasceram e cresceram no silêncio (Ceres, 1998, p. 20-21).

O fato de alimentar-se somente das ovas de peixe não se trata apenas de um mero ato de alimentação, mas também de união com o outro, de modo que este permanece vivo naquele que o devora. Desse modo, é possível olhar para a forma com a qual Ubaldo e seus parentes relacionam-se com a natureza e, principalmente, com os bichos do vale onde moram enquanto uma confluência de seres, para usar o termo de Bispo dos Santos (2023). Essa ideia é indicada em outro momento da narrativa, quando a narradora menciona um



trecho do diário de Ubaldo “no qual ele conta que vivia nos casulos das borboletas do Vale e em cada uma delas que nascia ele renascia e se multiplicaria no espaço, para sempre, igual à energia, capaz de empurrar as ondas ou fazer o olho ver” (Ceres, 1998, p. 24).

Essa aproximação de Ubaldo com os bichos ocorre de forma definitiva a partir do episódio referido como “a madrugada vermelha”:

Ela [Mariana] contou também que em uma certa madrugada muito densa, quando ele [Ubaldo] estava vigiando os besouros ou coisas assim, deu-se um estalido e a eletricidade do ar acendeu uma luz vermelha que tomou seus olhos e fê-los ver na escuridão, bem como levou-os a ouvir até mesmo o ruído das asas de um mosquito no meio da tempestade. Fora uma madrugada vermelha, sem nuvens e sem estrelas (Ceres, 1998, p. 21).

É comum que o contato com a natureza em Heliônia Ceres seja acompanhado de um aprimoramento dos sentidos, “notadamente, a visão e a audição” (Nascimento, 2011, p. 19), tal como acontece com Ubaldo, que passa a ser capaz de ver na escuridão e a ouvir o ruído das asas de um mosquito. Portanto, “Olho de besouro” pode ser tido também como um grande representante dessa importância dos sentidos na obra ficcional de Heliônia Ceres, como demonstrado no levantamento dos trechos a seguir, alguns deles presentes em outros momentos desta análise: “[...] como os bichos, via e sentia mais do que todos. Não eram letras o que ela conhecia. Seu olho de besouro. Redondo. Todo facetado” (p. 20); “[...] eu passaria a ver mais do que ela via e a sentir mais ainda [...]” (p. 20); “[...] até que se transformou numa espécie de gente misteriosa capaz de tudo perceber, divisar no escuro [...]” (p. 21); “[...] deu-se um estalido e a eletricidade do ar acendeu uma luz vermelha que tomou seus olhos e fê-los ver na escuridão, bem como levou-os a ouvir até mesmo o ruído das asas de um mosquito no meio da tempestade” (p. 21); “[...] eu sentia e ouvia mais do que todos os habitantes do Vale reunidos, à exceção de Mariana. Era uma espécie de amplificador instalado no corpo e nos meus sentidos o que me levava a perceber as chuvas ou os gafanhotos que vinham de longe [...]” (p. 22-23); “Particularmente, eu gostava de ouvir o ruflar das asas das aves [...]” (p. 23); “[...] eu ouvia o amarfanhar das folhas onde pisavam, bem como o deslizar das cobras que se deslocavam em sua direção” (p. 23); “[...] e se multiplicaria no espaço, para sempre, igual à energia, capaz de empurrar as ondas ou fazer o olho ver. Nem falava de seu olho de besouro. Que olhava em todas as direções [...]” (p. 24).

O próprio título do conto é explícito, no sentido de chamar a atenção para um olho que enxerga em todas as direções, visto que multifacetado. A constante do conto, em relação aos sentidos, é que o contato com os animais e com a natureza em geral amplia as



percepções sensoriais das personagens humanas, levando a uma transcendência que vai além dos limites dos sentidos e alcança as fronteiras do que é tomado como realidade, como escreve Vera Romariz Araújo em seu texto “A estranha narrativa de Heliônia Ceres”:

A metáfora central do livro, um olho que tudo vê, é configurada já na apresentação do protagonista Ubaldo como uma visão ampliadora dos limites do Real.

[...]

Neste livro, a escritora exercita uma narrativa insólita, em que o tom dominante parece ser o da perplexidade que contamina o cotidiano, reinventando-o e renovando-o na linguagem (Araújo, 2007, p. 91-92).

O relato, inserido no gênero fantástico, é repleto de besouros, peixes, morcegos, borboletas etc. Nascimento (2011, p. 73-74) afirma que esse processo de animalização é “a volta ao mundo animal. [...] E, dessa convivência com os bichos, a metamorfose.” Ressaltamos, porém, que acreditamos que não se trate de uma metamorfose convencional como aquela kafkiana, mas sim um desdobramento do processo de confluência (Bispo dos Santos, 2023) e que leva a uma ampliação dos próprios seres que participam desse compartilhamento recíproco. Assim, um ser passa a existir no outro, potencializando suas existências.

Ainda ao falar de Heliônia Ceres, Nascimento (2011) também afirma que “natureza e sobrenatural se mesclam: o homem, o animal e a natureza integrados: originando um ser híbrido: ‘homem-bicho’, representado em seres sobrenaturais: homem-besouro, homem-morcego, homem-peixe [...]” (Nascimento, 2011, p. 74). Para a pesquisadora, o bestiário contido em “Olho de besouro” “aponta para a condição animal do ser humano” (Nascimento, 2011, p. 75). Desse modo, a narradora, Mariana e Ubaldo ocupam posição especial na zooficção de Heliônia Ceres, visto que se tratam de homens-besouros, mulheres-besouros. É que “a voz narradora e as falas das personagens enunciam essa vida animal e humana: Ubaldo é besouro, morcego, peixe, borboleta. Enfim, um homem-bicho, dotado de poderes oriundos de sua estranha convivência com os animais” (Nascimento, 2011, p. 75).

No conto, a perplexidade perante os acontecimentos fantásticos e desse convívio tão próximo com os animais não parte da voz narrativa, e sim daqueles que enxergam a relação entre humanidade e animalidade de fora. A prole de Ubaldo encara tudo de maneira casual, convictos de que o que aconteceu com Ubaldo na “noite vermelha” fora real. Dessa forma, “Olho de besouro” é um ponto fora da curva entre as narrativas insólitas de Heliônia Ceres, visto que a autora costuma trabalhar em cima da incapacidade de



explicação por parte das próprias personagens narradoras em relação aos acontecimentos insólitos que lhes acometem. Embora seja narrado em primeira pessoa, como a maior parte de seus contos fantásticos, a voz narrativa não hesita em crer nos acontecimentos tidos como insólitos. Aqui, a dúvida parte exclusivamente daqueles que vêm – e veem – de fora.

Após a experiência onírica de Ubaldo, fora estabelecido que a fórmula dos poderes obtidos por ele não deveria ser completamente entendida por uma única pessoa. Segundo a narradora do conto, bisneta de Ubaldo, os segredos haviam sido escritos no diário-de-capade-couro-de-jacaré, que Ubaldo havia preparado e escondido, com a ordem de que:

[...] metade da fórmula só seria entregue a cada primogênita que nascesse na família, quando completasse vinte e um anos, e, se houvesse duas, três ou mais primogêntas nascidas dos vinte ou trinta filhos ou descendentes espalhados pelo Vale, cada uma delas ficaria somente com uma parte dos escritos para que não possuísse todos os poderes (Ceres, 1998, p. 21-22).

Como de hábito para a autora, Heliônia Ceres traz personagens femininas para o protagonismo de sua narrativa, aqui dividido com Ubaldo, que achava que os seres humanos não saberiam lidar com todos os poderes e havia escolhido primogêntas mulheres porque, para ele, além da cabeça, elas “pensavam com o coração” (Ceres, 1998, p. 22). Curiosamente, em seu clã, nasciam exclusivamente homens, e a narradora e Mariana – sua parente e neta de Ubaldo – são as únicas a terem acesso à fórmula no momento. Mariana² é descrita como:

[...] a que tocava piano na igreja das Santas Almas sem jamais haver aprendido, cuidava da casa, da fazenda e da farmácia, às vésperas dos setenta anos e como os bichos, via e sentia mais do que todos. Não eram letras o que conhecia. Seu olho de besouro. Redondo. Todo facetado (Ceres, 1988, p. 20).

Já os demais descendentes de Ubaldo usufruíam de habilidades aparentemente mais sutis, mas ainda assim perceptíveis: “apesar das restrições feitas a Ubaldo por haver tido tantas mulheres e quantos filhos, todos aqueles por ele gerados, após a madrugada vermelha em que lhe deu poderes, possuíam dotes diversos cujas razões eram atribuídas à estranha convivência com os animais” (Ceres, 1998, p. 22). Trata-se, pois, do resultado potencializador da confluência com os bichos. Contudo, por causa dessas habilidades, segundo a narradora, os descendentes de sua família eram chamados de “vampiros” pelos demais moradores do Vale, o que ajuda a demonstrar como essa aproximação à

² Mariana é o nome de uma personagem de outro conto fantástico de Heliônia Ceres, “A campanha”, presente no mesmo livro.



animalidade, apesar de trazer consigo capacidades que poderiam ser consideradas como benéficas, desperta o receio e o medo de outras pessoas, que poderiam considerar esse estreitamento de relações com os animais e com a natureza em geral como algo perigoso.

Há, contudo, por parte da narradora, uma ambição em ter acesso a todos os escritos presentes no diário-de-capade-couro-de-jacaré, pois ela comenta “que, se ela [Mariana] morresse, sem haver na família outra primogênita, já de posse da fórmula completa, eu passaria a ver mais do que ela via e a sentir mais ainda, penetraria nos mistérios que ela penetrara e eu ainda não” (Ceres, 1998, p. 20, grifo nosso). A convivência pacífica – apesar das intenções ambiciosas da narradora – é perturbada quando a universidade central do Vale surge com o objetivo de estudar a narradora-personagem e suas estranhas habilidades: “Foi quando me vieram buscar para ser pesquisada na universidade central do Vale. Ofereceram-me muito dinheiro e, se nossa família não se interessou por isso, eu me interessei. Queria saber muitas coisas mais” (Ceres, 1998, p. 23). O pensamento científico, neste caso, atua como representação da racionalidade humana – e humanista.

Esse paralelo entre ciência e natureza é evidente em “Olho de besouro”. A primeira é considerada na narrativa como maléfica, impõe medo e perigo; a segunda, por sua vez, – que inclui o contato com os animais – é benéfica e traz consigo a ideia de uma comunidade utópica, como demonstrado na última passagem do conto:

[...] nem devia falar dos que viviam no Vale e lá eram felizes com seus bichos e seus insetos, a esvoaçarem as margens do rio de águas transparentes, cujos peixes os olhavam em muda convivência e as areias, tão brancas quanto as pedras gigantes que as margeavam, escondiam os segredos que havia por ali (Ceres, 1998, p. 24-25).

A noção de equilíbrio entre a comunidade e a animalidade, além da descrição do Vale como um espaço quase que intocável, com “árvores centenárias que nasceram e cresceram no silêncio” (Ceres, 1998, p. 21), ajuda a contrastar o estilo de vida dos descendentes de Ubaldo com as suposições científicas dos pesquisadores universitários, interpretando a proximidade com a natureza e o mundo animal como uma condição menos humana, em oposição à cultura, noção que, para Bispo dos Santos (2023, p. 23), diz respeito a “uma coisa padronizada, mercantilizada, colonial. Os colonialistas dizem que não temos cultura quando não nos comportamos do jeito deles”. Em oposição à cultura, o escritor quilombola utiliza as noções de modos: “modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida. E os modos podem ser modificados” (Bispo dos Santos, 2023, p. 23).



Essa oposição entre natureza e cultura presente no conto traça um conflito no qual a singularidade da personagem – associada ao mundo animal – é tomada como algo destoante do pensamento científico e antropocêntrico. Conforme escreve Maria Esther Maciel em seu livro mais recente, *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano* (2023), “o antropocentrismo logocêntrico só vem tornar cada vez mais manifesta e cruel a progressiva conversão do discurso dominante sobre os animais em discurso dominador, deflagrando práticas de violência contra esses e outros viventes” (Maciel, 2023, p. 21). Podemos notar essa tentativa de enquadramento logocêntrico quando a narradora relata os experimentos aos quais ela é submetida pelos cientistas da universidade local:

Eles me anunciavam como pregoeiro em leilão faz e eu me assombrava com o que diziam de mim, eu era um estranho ser, talvez um macaco que sofrera um imenso sortilégio e lá um dia passara a ser humano, e me propusera a fazer coisas que até então ninguém fazia. Eis o que eu era.

[...]

Em seguida, eles me cercaram de perguntas cujas respostas eu não sabia dar e passaram a colocar fios nos meu cérebro e ligações elétricas nos meus pulsos. Em dramáticas e perigosas buscas eles me esmiuçavam de dentro para fora e, aos poucos eu fui compreendendo que as pessoas não podem admitir suas diferenças sob o risco de perderem a própria identidade e pagarem com a vida, aquilo que o outro quer saber (Ceres, 1998, p. 23-24).

Vista como diferente, a personagem é tratada como não-humana e os cientistas tentam a todo custo decifrar as razões para as suas habilidades insólitas. Contudo, a alteridade – assim como o animal – foge de tais tentativas de ordenamento, ou seja, foge do pensamento racional humano de teor classificatório. Aqui, a natureza é vista como inexplicavelmente perigosa e tratada como algo que deve estar preferivelmente distante de nós. Bispo dos Santos (2023) define esse afastamento e medo humanos da natureza como cosmofofia, “a grande doença da humanidade” (Bispo dos Santos, 2023, p. 29), estreitamente relacionada a uma visão de mundo colonialista que busca a unificação ao eliminar o que é diferente e o que não se encaixa em seus moldes humanistas.

Tendo isso em vista, a narradora-personagem do conto vivencia duas interpretações distintas do seu contato com o mundo animal. A primeira, majoritariamente promissora e que nasce do seu próprio ponto de vista enquanto aquela que narra a própria história, diz respeito às habilidades provenientes da convivência com os animais para si e para sua família. Aqui, a animalidade é vista como uma dádiva que deve ser buscada e abraçada a fim de alcançar aquela transcendência e aquela plenitude mencionadas anteriormente. A segunda interpretação – aquela que parte dos cientistas, ou seja, de um ponto de vista colonial –, porém, vê essa relação como prejudicial e inferioriza a personagem, abordando



o contato com a animalidade de maneira pejorativa, em vista da incapacidade de compreender e aceitar os poderes advindos dos bichos.

Nesse segundo momento, embora a animalidade ainda esteja em evidência, as referências ao mundo animal dizem respeito ao rebaixamento da condição de humana da personagem em relação àqueles que a estudam. Estes são tidos por pregoeiros em leilão e aquela é considerada um “macaco que sofrera um imenso sortilégio”. Trata-se da construção de uma relação colonialista assimétrica em que, de um lado, tem-se os sujeitos pensantes e científicos e, do outro, há o objeto de suas averiguações, esvaziada da sua condição de ser humana.

Esse processo de desumanização acontece tanto pelo julgamento dos demais moradores da região, ao chamarem a narradora e seus familiares de “vampiros”, como também por meio desse pensamento científico, representado pela universidade central do Vale que, neste caso, desmerece as habilidades obtidas por Ubaldo e seus descendentes e trata a alteridade animal como algo inferior e monstruoso. Tal processo também evidencia as relações de poder entre a ciência e a personagem, pois o que acontece por parte dos cientistas do conto é não apenas uma tentativa de estudo, mas também de repressão da natureza na narradora, um esforço de adestramento do exercício da sua animalidade.

Após essa compreensão por parte da personagem dos cientistas da universidade do Vale, ela passa a entender que não poderia contar-lhes o que queriam saber, pois aquilo poderia colocar todos da sua família “sob o risco de perderem a própria identidade”. Sua preocupação é demonstrada na seguinte passagem:

Depois disso, eu sequer pensava mais em referir-me a Mariana ou falar sobre o diário de Ubaldo, imagine tratar daquele trecho no qual ele conta que vivia nos casulos das borboletas do Vale e em cada uma delas que nascia ele renascia e se multiplicaria no espaço, para sempre, igual à energia, capaz de empurrar as ondas ou fazer o olho ver. Nem fala de seu olho de besouro. Que olhava em todas as direções, porque eles iriam dizer que eu era doída ou mentirosa. Quem sabe, iriam tirar Mariana de seu piano, descobrir o diário de Ubaldo e teriam todos os poderes (Ceres, 1998, p. 24).

A narradora expõe seu receio de que os pesquisadores descobrissem o diário de Ubaldo e tivessem acesso a todos os poderes a ele conferidos, pois sabia que, diferentemente de sua família, os pesquisadores da universidade estabeleceriam uma relação diferente com a natureza daquela região caso tivessem acesso aos seus mistérios. Acontece que, como lembrado por Bispo dos Santos (2023) e já mencionado nesta análise, a visão



científica é colonialista e busca a universalização por meio da exclusão daquilo e daqueles considerados diferentes.

É nesse contexto que o conceito de compartilhamento mencionado por Bispo dos Santos (2023), estreitamente relacionado com a noção de confluência, mostra-se pertinente. O autor o exemplifica como “uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem” (Bispo dos Santos, 2023, p. 36). A família de Ubaldo vê os animais e os outros integrantes da natureza como compartilhantes. Dessa forma, não há hierarquia entre os seres e todos podem beneficiar-se das existências uns dos outros simplesmente sendo quem são e compartilhando afetos.

Ao fim do conto, não é possível saber o que acontece com a personagem levada para ser estudada, apenas de sua decisão em não revelar os segredos de seu grupo. Seu destino fica em aberto, como é comum em Heliônia Ceres. Essa seria uma das características que a distanciaria dos padrões realistas e regionalistas de sua época (Araújo, 2007).

Considerações

O que se propôs aqui foi uma leitura acerca da presença da animalidade no conto “Olho de besouro”, da escritora alagoana Heliônia Ceres. Sua zoologia fantástica traz um mundo onírico no qual o Vale surge como um espaço utópico de comunhão entre humanos e animais, um entre-mundo (Nascimento, 2011).

A narrativa fantástica que emerge sob o signo da confluência com os bichos traz diversos exemplos de um convívio intenso com a natureza que resulta não apenas no reconhecimento da alteridade, mas também na comunhão e na confluência de mundos. São personagens humanas que abraçam o chamado animal. Difícil, contudo, para quem assiste de fora e de um raciocínio antropocêntrico e colonialista, entender e encarar essa estreiteza de vínculos como algo aceitável e benéfico.

Para dar conta desse movimento foi articulada a noção de confluência trazida pelo quilombola e intelectual brasileiro Antônio Bispo dos Santos (2023). O contato de proximidade com os animais leva Ubaldo a incorporar o outro em si e a si mesmo no outro, resultando em uma união entre humano e animal na direção do compartilhamento e da confluência elaboradas do ponto de vista quilombola. Daí o vale de Ubaldo ser o seu espaço utópico, no qual seus segredos e seus familiares poderiam ficar a salvo – até a



chegada dos estudiosos da universidade local, ou seja, da cultura científica colonialista que não consegue ver o diferente enquanto compartilhante.

Assim, apesar das consequências benéficas experimentadas pela família de Ubaldo a partir do contato com os bichos, os pesquisadores da universidade do Vale surgem não apenas de modo a expor o conflito entre o mundo humano e do mundo animal, entre cultura e natureza, mas também como uma ameaça a essa experiência utópica experimentada pela família do homem-besouro. Seria, portanto, uma tentativa de colonização da família de Ubaldo, que conflui com a natureza em seu modo de vida contracolonial.

Desse modo, podemos repensar, nessa confluência com os bichos, em novas sociabilidades, onde possamos incluir os humanos e não humanos nessa constelação de mestres, tal como nos ensinou o intelectual originário Ailton Krenak:

Nossa sociabilidade tem que ser repensada para além dos seres humanos, tem que incluir abelhas, tatus, baleias, golfinhos. Meus grandes mestres da vida são uma constelação de seres-humanos e não humanos” (Krenak, 2022, p. 101).

Por fim, podemos evidenciar que, de cada interação entre humanidade e animalidade construída pela autora em seus contos, uma nova conjuntura de elementos e relações apresenta-se, cada uma diferente por si só. Ao invés de domar a animalidade em seus textos, Heliônia Ceres procura abraçá-la e potencializá-la por meio do fantástico, levando-nos a reflexões acerca da nossa maneira de interagir com as vidas outras que nos cercam e das nossas possibilidades de confluência.



Referências

- ARAÚJO, Vera R. C. de. *Só ou bem acompanhado?* Reflexões sobre literatura e cultura. Maceió: Edufal, 2007.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu /PISEAGRAMA, 2023.
- BRANDÃO, Izabel. Os contos de Heliônia Ceres: inquietações ecológicas. *Terceira margem*, n. 20, p. 101-111, 2009.
- CERES, Heliônia. *Rosália das visões: contos*. São Paulo: Canopus Editora, 1984.
- CERES, Heliônia. *A procissão dos encapuzados e outros contos*. Maceió: Edufal, 1989.
- CERES, Heliônia. *Olho de besouro*. Curitiba: HD Livros, 1998.
- DUARTE JÚNIOR, Luciano M. *O animal biopolítico em Clarice Lispector e em Heliônia Ceres*. 2021. 114 f. Dissertação (mestrado em Letras: Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 2021.
- GIORGI, Gabriel. *Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MACIEL, Maria E. *Literatura e Animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MACIEL, Maria E. *Zoopoéticas contemporâneas*. Lisboa, Oca Editorial, 2020.
- MACIEL, Maria E. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Editora Instante, 2023.
- NASCIMENTO, Maria de L. do. *Conto: o ponto de encontro e do espanto na narrativa fantástica de Heliônia Ceres*. Maceió: Edufal, 2011.
- ROAS, David. *Behind the frontiers of the real: A definition of the fantastic*. Translation by Simon Breden. London: Palgrave Macmillan, 2018.



Autores

Luciano Mendes Duarte Júnior

Doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especialização em Estudos Literários e Ensino de Literatura pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e licenciado em Letras-Inglês pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

E-mail lucianoduartejr@outlook.com

Paulo Petronilio Correia

Pós-Doutor em Performances Culturais. Doutor pela UFRGS. Mestre em Literatura pela UFSC, Mestre em Educação pela UFSC. Professor Adjunto IV de Filosofia na UnB. Professor do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UnB/PPGCEN.

E-mail ppetronilio@uol.com.br

Direitos autorais

Luciano Mendes Duarte Júnior e Paulo Petronilio Correia

Licenciamento

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0 <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>



Modalidade de Avaliação:

Avaliação Duplo-Cega

Publicação Prévia

O artigo é originado de capítulo desdobrado da dissertação:

Duarte Júnior, Luciano Mendes. O animal biopolítico em Clarice Lispector e em Helônia Ceres. 2021. 114 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte-MG, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/41556/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Vers%C3%A3o%20Final.pdf> Acesso em: 11 dez. 2023.

Editores responsáveis

Éden Peretta

Bárbara Carbogim

Histórico de avaliação

Recebido em 6 de julho de 2023

Aceito em 28 de novembro de 2023